

ALVES, Francisco José. Aracaju, que significa? *Revista de Aracaju*. Aracaju, n. 10, p. 87-91, 2003.

*Francisco José Alves**

A explicação etimológica do termo Aracaju é controvertida. Os estudiosos do tupi colonial não estão de acordo quanto ao significado da palavra nativa. Teodoro Sampaio (1885-1937), um investigador pioneiro dos nomes tupis na geografia brasileira, acredita que o vocábulo significa "cajueiro dos papagaios". A palavra seria, na sua formulação primitiva, composta dos elementos: ará = papagaio, acayú = fruto do cajueiro.¹ Esta interpretação tem grande vigência. O aparelho escolar estadual tem se encarregado de difundir esta versão sobre o nome da capital de Sergipe. A associação de Aracaju com cajueiros e papagaios tem um quê de bucólico que agrada aos sergipanos. E tal noção circula como se fosse verdade incontestável...

* Doutor em História Social pela UFRJ; Mestre em Antropologia pela UNB; Professor de Teoria e Metodologia no Departamento de História da UFS. E-mail: fjalves@infonet.com.br

1 SAMPAIO, Teodoro. *O Tupi na Geografia Nacional*. 5a ed. SP: Cia Editora Nacional, 1987. p. 197.

A origem da partícula final do topônimo Aracaju (caju) é ponto pacífico entre os estudiosos. Caju nada mais é do que a aférese do "acaju" primitivo registrado pelos cronistas da época colonial. Ao longo dos séculos, houve a supressão da vogal inicial do vocábulo indígena na sua passagem para a língua portuguesa. O termo teve diversas grafias na pena dos cronistas: acaiú, acaju, acajú, cajû, cajuu, etc.²

Já a partícula "ara" tem, como acepções, nascer, ocorrer, acontecer, suceder, colher, ou ainda, dia, tempo, época, estação do ano. É com este sentido que o elemento comparece nos topônimos *Araçoiaba*(SP), proteção contra o tempo; *Arapotí*, época dos camarões. Idêntico sentido tem ara nos vocábulos *araci*, a mãe do dia, aurora; *araíba*, tempo ruim; *arapínga*, dia vermelho; *arapítu*, dia escuro; *arapuçu*, dia comprido; *aratinga*, dia claro; *aratú*, dia curto; *ararói*, dia frio.³

O já citado Teodoro Sampaio registra, em seu vocabulário, dois termos similares, mas de prosódia e sentido distintos: "ara" e "ará". O primeiro tem muitas significações: o dia, o tempo, idade, vez, o que está no alto, em cima, de cima, na eminência; o mundo, o fruto; o que nasce, o que se colhe; a espiga. Ará por sua vez tem um campo semântico mais restrito. Designa simplesmente papagaio grande.⁴ Um estudioso atual traz "ara" como significando dia, mundo, parte de cima, alto, parte superior. O ará de Teodoro Sampaio não comparece. Em seu lugar vem *arara* (ave). Assim, o problema central da etimologia de Aracaju é decidir se a partícula inicial do vocábulo (ara) indica ave ou tempo. A questão é de difícil equacionamento.

Outra versão sobre o nome da capital de Inácio Barbosa é dada pelo naturalista e viajante alemão Karl Fredrich von Martius (1794-1868). Para ele, "Aracaju" significa, simplesmente, "lugar dos cajueiros". O topônimo nomearia cajueiral – sítio de cajueiros.⁵

2 CUNHA, Antonio Geraldo da. **Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi**. 4.ed. SP: Melhoramentos, 1998 p.86-88.

3 BUENO, Francisco da Silveira. **Vocabulário Tupy-Guarani/Português**. 6 ed. SP: Éfeta, 1998. p 55-58; 562-563.

4 SAMPAIO, Teodoro. **O Tupy na Geografia Nacional**. 5 ed. SP: Cia Editora Nacional, 1987, p. 197.

5 GUARANÁ, Armindo. Glossário Etymológico dos Nomes da Língua Tupi na Geografia de Sergipe. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, Aracaju, v. 3. F. 1-4, p 297-326, 1916. Citação p. 289.

Francisco da Silveira Bueno discorda tanto da interpretação de Teodoro Sampaio quanto da de von Martius. Conforme o professor paulista, o étimo "Aracaju" quer dizer "época dos cajus". É designação de tempo e não de lugar. Silveira Bueno decompõe a palavra: **ara** = tempo, época, estação; **caju** = fruto do cajueiro.⁶

O recente "Houaiss" dá a mesma análise etimológica proposta por Bueno para o vocábulo caju. Conforme ele, o nome da fruta significa na língua dos tupinambá, "idade" ou "existência": O fato se explica pois os índios contavam o tempo tomando como parâmetro a frutificação do caju.⁷

A explicação do filólogo e do dicionarista parece aceitável. Um testemunho do século 17, o Pe. jesuíta Simão de Vasconcelos (1597-1671), diz que os índios tupinambá marcavam "os anos da vida pelos frutos das árvores que chamam **acajus**". Conforme o religioso, para os índios, "o mesmo é dizer tantos anos que tantos cajus".⁸

Informe similar é dado pelo capuchinho Claude de Abeville (? 1632) numa crônica de 1614. Falando da maneira como os tupinambá do Maranhão marcavam o tempo, escreve o frei: "conhecem ... os meses pela época das chuvas e pela época dos ventos ou, ainda pelo tempo dos cajus."⁹ A colheita do caju era um fato significativo na vida dos tupinambá da era colonial. O "fruto" junto com a castanha, eram fartamente consumidos entre os silvícolas. Esta importância explica o uso do caju como denominador de tempo.

O jesuíta Simão de Vasconcelos revela como os tupinambá preparavam o vinho do caju: "Espremem o acaju em vasos, e nestes o deixam estar tanto tempo, que ferva e espume, e fermente, até ficar com sustância de vinho mais ou menos azedo, segundo a quantidade do tempo".¹⁰ Confor-

6 BUENO, Francisco da Silveira. **Vocabulário Tupi-Guarani – Português**. 6a ed. São Paulo: Éfeta Editora, 1998. p. 55.

7 HOUAISS, Antonio e outros. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva 2001, p. 566.

8 VASCONCELOS, Simão de. **Crônica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1977. v. 2, p.97.

9 ABEVILLE, Claude. **História da Missão dos Padres capuchinhos na Ilha do Maranhão**. SP. Editora da USP, 1975. p. 250.

10 VASCONCELOS, Simão de. **Crônica da Companhia de Jesus**. Petrópolis: Vozes, 1977. v. 1 p. 106. livro 1, parágrafo 141.

me o religioso, o caju, junto com o milho, o aipim, o abacaxi, a batata, a mangaba e o mel, era a matéria-prima na arte indígena de fabricar bebidas espirituosas.

Além do uso lúdico do caju para feitura da bebida, os tupinambá ainda se valiam da resina do cajueiro para fins terapêuticos. Diz um cronista do século 17: "da mesma goma usam também os índios para remédio de muitos seus achaques, desfeita em pó, e bebida em água".¹¹ Pelo que se vê, o caju era, para os tupinambá, "pau pra toda obra". Em decorrência disto, um território rico em cajueiros era sumamente valorizado. Conforme o mesmo testemunho "tem-se por felizes aqueles tupinambá, cujos distritos abundam destas árvores, sobre elas armam suas maiores guerras". Sendo o caju tão fundamental, era muito natural que entre este povo o aparecimento da fruta fosse usado para contar o tempo.

Apoiando a hipótese de Aracaju ser designação de tempo, há o registro, no português atual, das expressões "tem seus cajus" significando anos de vida, e ainda "de caju em caju", querendo dizer de ano a ano. Estes dados, correntes na linguagem falada sobretudo no meio rural, reforçam a hipótese de Aracaju significar "época dos cajus".¹² A presença de tais indícios mostra que ainda hoje se conserva, entre o povo, o uso da contagem do tempo a partir da colheita anual dos cajus.

Outro indício do uso nativo do caju para marcar o tempo é a expressão "chuvas dos cajus", presente nas obras de Franklin Távora (1842-1888), Euclides da Cunha (1866-1909) e Domingos Olímpio (1850-1906). Conforme estes autores, a locução nomeia as chuvas que caem entre setembro e outubro.¹³ Esta e outras pistas indicam a importância do caju na vida dos primitivos habitantes do Brasil e das populações rurais nordestinas na atualidade.

O topônimo **Aracaju** tem seu registro escrito mais antigo num documento do século 17. Trata-se da petição de sesmaria do Pe. Bento Ferraz solicitando duas "léguas de terra em quadro no caminho de Taperagüa que

11 VASCONCELOS, Simão de. Notícias Curiosas e Necessárias do Brasil. In: **Crônica da Companhia de Jesus**. Petrópolis: Vozes, 1977. v. 1 Livro II, parágr. 82-85, p. 153-154.

12 FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2a ed., Rio: Nova Fronteira, 1986. p. 316.

13 CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi**. 4a ed. SP: Melhoramentos, Brasília: Ed. da UNB, 1998. p. 86-88.

vai ao **Areaíu...**¹⁴ O documento seiscentista é lacônico quanto ao topônimo. O que era **Areiaú** em 1601 ? uma aldeia ? uma sesmaria ? um sítio ? as perguntas ecoam no vazio pois o velho documento não responde a tais indagações.

Na segunda década do século 17 há mais um registro do topônimo. É a petição de sesmaria de Antônio de Azevedo, morador na capitania, diz o documento, "há muitos anos". O sesmeiro pede uma légua de terra ao capitão-mor João Mendes. A sesmaria solicitada e recebida estava localizada no "Rio do Araquaju Contendiba Seregipe..."¹⁵

O étimo tupi **Areaíu** torna-se Aracaju. No processo de aportuguesamento do termo indígena houve algumas modificações básicas. Em primeiro lugar a substituição do "E" pela vogal "A". Assim, "are" torna-se "ara". Também ocorreu o acréscimo da consoante "C" após a sílaba inicial (epêntese). Por fim, nota-se a substituição do fonema "i" pela consoante "j". **Iu** torna-se "ju". (consonantização).

Aracaju pode ser cajueiro dos papagaios, cajueiral ou época dos caju. Seja como for, a capital sergipana tem ligação histórica visceral com o fruto dos cajueiros. Por conta disto, os tupinambá, antigos habitantes da região, aqui vinham buscar caju para fabricarem uma das suas bebidas prediletas. E ainda hoje, o caju é um símbolo da capital sergipense.

14 Carta Sesmaria do Pe. Bento Ferraz, 20 out. 1601. Apud.: FREIRE, Felisbello. **História de Sergipe**. 2a ed. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 363.

15 Carta [Sesmaria] de Antônio de Azevedo, São Cristóvão, 18 agosto 1623. Apud.: FREIRE, Felisbello. **História de Sergipe**. 2a ed. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 412.